

O INCONSCIENTE DE FREUD A LACAN

THE UNCONSCIOUSNESS – FROM FREUD TO LACAN

Katiane Joelen Padilha de Lima¹

Nauana Taila Apel²

Ana Maria Moreno de Oliveira³

LIMA, K. J. P. de; APEL, N. T.; OLIVEIRA, A. M. M. de. O inconsciente de Freud A Lacan. **Akrópolis** Umarama, v. 24, n. 2, p. 95-112, jun./dez. 2016.

DOI: <https://doi.org/10.25110/arqsaude.v21i1.2017.6070>

RESUMO: O presente artigo se trata de uma revisão bibliográfica, realizado com base nos referenciais teóricos da psicanálise, sendo composto pela visão dos principais teóricos como Freud e Lacan, bem como, com a contribuição de outros autores. Teve-se como objetivo explicar o conceito do inconsciente, de modo, a apresentar as reformulações ocorridas no decurso do tempo. Para isso, inicialmente faz-se um retorno ao ponto de vista filosófico, para que na sequência se possa adentrar ao ponto de vista de Freud. Nesta direção, apresenta-se a formulação da primeira tópica do aparelho psíquico, que por sua vez faz menção a constituição do recalque. Por conseguinte, aborda-se uma nova concepção do aparelho psíquico, a qual se denomina segunda tópica. Esta por sua vez, possibilita um direcionamento para que Lacan promova uma releitura da originalidade teórica de Freud, intitulando desta forma, o que vem a ser “o inconsciente estruturado como uma linguagem”.

PALAVRAS-CHAVE: Inconsciente; Psicanálise; Linguagem; Freud; Lacan.

ABSTRACT: This paper presents a literature review based on the theoretical framework of psychoanalysis, composed by the view of the main theorists such as Freud and Lacan, and contributions from other authors. Its purpose is to elucidate the unconsciousness, and present reformulations that have occurred over time. Therefore, it initially returns to the philosophical perspective, in order to enter into Freud's perspective. From this point of view, the first topic of the psychic apparatus is presented, which in turn mentions the establishment of repression. Therefore, a new conception of the psychic apparatus is discussed, which is referred to as the second topic. This topic, in turn, enables Lacan to reinterpret Freud's theoretical originality, thus referred to as “the unconsciousness structured as a language.”

KEYWORDS: Freud; Lacan; Language; Psychoanalysis; Unconsciousness.

¹Discente do 4º ano de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR, Campus Cascavel. E-mail: katiane.j@hotmail.com. Endereço: Rua: São Paulo, 2045. CEP: 85.801.021.

²Discente do 4º ano de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR, Campus Cascavel. E-mail: nauanaapel@hotmail.com. Endereço: Rua: Carlos de Carvalho, 2839. CEP: 85-803-780.

³Docente do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR, Campus Cascavel. E-mail: anamaria@unipar.br. Endereço: Rua: Vicente Machado, 1350. CEP: 85.812-150. Psicóloga Clínica. Especialista em Psicologia da Educação. Especialista em Psicanálise

INTRODUÇÃO

O inconsciente é um dos conceitos fundamentais da psicanálise e se fosse preciso destacar em uma única palavra a descoberta Freudiana seria esta, uma vez que a maioria dos teóricos em psicanálise concordaria, mesmo em muitos momentos terem pontos de vista distintos em relação à sua significação e extensão (LA-PLANCHE apud ROZA, 2005).

Desse modo, este artigo objetiva explicar o conceito e a evolução do inconsciente, bem como os elementos que o compõem e a dinâmica de funcionamento. Neste sentido, no primeiro momento faz-se necessário um breve retorno à concepção filosófica, em que o conceito já era utilizado antes da psicanálise, sendo concebido com sentidos e significados próprios e distintos.

Por conseguinte, apresenta-se o embasamento teórico realizado pela concepção Freudiana, tendo como eixo norteador o artigo formulado por Freud em 1915: *O Inconsciente*. Nesta direção, o conceito é apresentado como uma lei de articulação das tramas simbólicas, sendo composto pelo ponto de vista tópico, dinâmico e econômico.

Finalmente, após a estruturação Freudiana, pode-se destacar que Lacan promove um retorno e uma restauração desta originalidade teórica, atuando sobre a hipótese de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, fato que dá sentido e indica o início de sua própria elaboração teórica.

Dessa forma, pode-se adentrar inicialmente na concepção de psiquismo. Roza (2008) explica que, antes de Freud o psiquismo era concebido por uma subjetividade dominada pela razão, de modo a identificar somente a consciência. O termo inconsciente se referia a algo que estava fora da consciência e não a um sistema psíquico autônomo e com leis próprias, sendo empregado de forma puramente adjetiva para designar aquilo que não era consciente.

Nesta direção, aponta-se para Leibniz no século XVII como um dos primeiros filósofos a indagar sobre os corpos orgânicos e que dentro teriam que haver percepções dentro das percepções, uma vez que estes corpos não são em última análise mais do que percepções. Assim, quando se busca perceber os corpos, não se consegue de forma consciente os microscópicos que o formam, portanto é necessário percebê-

-los inconscientemente. O que leva o autor a fazer uma notável consideração para a época, considerando consciente e inconsciente (ROSS, 1984).

Em conformidade com o autor acima citado, comprova-se que, na sequência, Leibniz nomina a consciência de “apercepção” e as percepções inconscientes de “pequenas percepções”, sendo que estas são componentes das percepções conscientes, mas que de forma separada não se percebem em si mesmas. Com a intitulação das “pequenas percepções”, Leibniz passa a usar o modelo psicológico para explicar o princípio de tudo sendo influenciado por tudo mais (ROSS, 1984).

Por conseguinte, conforme Mlodinow (1954), no século XVIII Kant expõe que os indivíduos constroem ativamente uma imagem no mundo e que a percepção humana não se baseia apenas em eventos objetivos ou no que existe, mas que de alguma forma é criada por aspectos gerais da mente, considerando os vieses ligados aos desejos, necessidades e experiências passadas. Por este motivo, o autor acreditava que a psicologia empírica não se tornaria ciência pelo fato de não ser possível medir ou pesar os eventos que ocorrem no cérebro.

Essas questões revelam que a filosofia por muito tempo trabalhou com a ideia de conceber a vida mental como não sendo constituída com uma divisão que pudesse ser nominada de inconsciente, ou aquilo que no pensamento escapa a consciência. Então filósofos como Schopenhauer e Nietzsche já estudavam as forças inconscientes antes de Freud, de modo a concebê-las como uma ideia em que o *eu*, seja pela razão ou através da vontade racional, é capaz de dominar, pelo menos em algum grau, paixões e impulsos (GHIRALDELLI, 2010).

Neste sentido, conforme expõe Falcão e Macedo (2015), assim como Nietzsche, pode-se compreender a visão de Schopenhauer no século XIX como um filósofo anticonscienalista, de modo a colocar o núcleo do psiquismo humano em uma instância inconsciente, considerando o conceito de vontade como o destaque de seu pensamento. Assim, percebia o mundo como vontade, luta e angústia, portanto com uma noção não racional. A vontade seria um impulso cego e inconsciente presente em toda a essência humana. Ao considerar o inconsciente, o filósofo intitula a vontade como servo do intelecto e da consciência, assim, ao intelecto cabe

a função de ministrar as relações exteriores.

Segundo Chemana (1995), até este ponto antes de Freud o termo inconsciente ancorava de maneira global tudo que não era consciente. Assim, Freud intitula a metapsicologia descrevendo os processos psíquicos em suas relações dinâmicas, tópicas e econômicas, explanando que os processos de pensamento mais complicados e perfeitos podem se desenvolver sem excitar a consciência. Neste sentido, vai afastando-se da psicologia conforme dito em *A Interpretação dos Sonhos*:

O problema do inconsciente na psicologia é nas vigorosas palavras de Lipps (1897), menos um problema psicológico do que o problema da psicologia. Enquanto a psicologia lidou com esse problema através de uma explicação verbal no sentido de que “psíquico” significava “consciente”, e de que falar em “processos psíquicos inconscientes” era um contra senso-palpável, qualquer avaliação psicológica das observações feitas pelos médicos sobre os estados psíquicos anormais estava fora de cogitação. Médico e filósofo só podem unir-se quando ambos reconhecerem que a expressão “processos psíquicos inconscientes” é “a expressão apropriada e justificada de um fato solidamente estabelecido” (FREUD, 1900, p.633).

Ao mesmo tempo, Freud declara que “não há necessidade de discutir o que se deva denominar consciente: não pairam dúvidas sobre isto. O mais antigo e o melhor significado da palavra “inconsciente” é o significado descritivo” (FREUD, 1932, p. 79). Desse modo, sob este ponto de vista, o inconsciente vem a ser um processo psíquico e, por meio dos seus efeitos, determinamos a sua existência, porém deste nada se sabe.

Nesta perspectiva, Freud (1932, p. 80) observa que “esta restrição faz-nos raciocinar que a maioria dos processos conscientes são conscientes apenas num curto espaço de tempo; muito em breve se tornam latentes, podendo, contudo, facilmente tornarem-se de novo conscientes”.

De acordo com Roza (2005), Freud descreve o inconsciente como um sistema psíquico que vem a se opor ao sistema psíquico pré-consciente/consciente, este que em parte é inconsciente, mas não é o inconsciente em si, ou seja, têm constituições distintas, definição que o

tira da redução de psicologia profunda. Pode-se destacar que o inconsciente não é caos, mistério, ilógico, nem o local da vontade em estado bruto.

Sob esse ponto de vista, torna-se necessário desmistificar o conceito, muitas vezes, equivocadamente presente pelo senso comum. Desse modo, Lacan (1964) salienta que o inconsciente de Freud foge à concepção romântica do imaginário e não é um lugar das divindades noturnas. Esclarece que seu funcionamento se dá de modo tão elaborado quanto a nível consciente, fato que o faz perder qualquer privilégio.

Pontua-se que é nas lacunas das manifestações conscientes que se encontra o caminho do inconsciente. Assim, Freud salienta que:

A suposição a respeito da existência do inconsciente é necessária e legítima. Ela é necessária porque os dados da consciência apresentam um número muito grande de lacunas, tanto nas pessoas sadias como nas doentes ocorrem com frequência atos psíquicos que só podem ser explicados pela presunção de outros atos, para os quais não obstante, a consciência não oferece qualquer prova. Estes não só incluem as parapraxias e os sonhos em pessoas sadias, mas também tudo aquilo que é descrito como um sintoma psíquico ou uma obsessão nas doentes (FREUD, 1915, p. 172).

Por conseguinte, conforme expõe Roza (2005), os fenômenos lacunares são representantes de outra ordem, que vem a ser o inconsciente, e aparecem no silêncio do consciente, sendo topograficamente e formalmente diferente deste último. Diferente apenas, com outra estrutura, não sendo mais profundo, instintivo, tumultuado ou ilógico.

Em seguida, a psicanálise passa a levar em conta a topografia psíquica e indicar onde o ato mental se verifica. Em relação às comprovações anatômicas de onde se localizam os sistemas apresentados no cérebro, pode-se dizer que é um hiato ainda não preenchido e nem caberia à psicologia fazê-lo, pois a topografia citada em nada se refere à anatomia, mas sim às regiões do mecanismo mental, onde quer que estejam no corpo (ROZA, 2005).

Segundo o autor acima citado, pode-se compreender que ao ser denominado metaforicamente como “lugares psíquicos”, o inconsciente acaba por se tornar vítima da compulsão

por substancialização, uma vez que no Ocidente tem-se a grande dificuldade para pensar em qualquer coisa que não seja propriedade da substância.

Na sequência, conforme destaca Chermama (1995), pode-se adentrar na primeira tópica do aparelho psíquico, onde se apresentam a teoria dos lugares psíquicos e seus elementos formadores. Freud chama de inconsciente a instância constituída de elementos recalçados, que se negam a chegar ao pré-consciente/consciente.

Vale a pena ressaltar que, a partir de 1920, Freud remodelou profundamente a teoria do aparelho psíquico, apresentando às instâncias do *id*, *eu* e *supereu*. Este novo momento deu origem à segunda tópica, que não coincidia mais com as do inconsciente, pré-consciente e consciente, questões estas que serão explanadas posteriormente. (LAPLANCHE, 2001).

1. PRIMEIRA TÓPICA

Conforme colocado acima, pode-se aprofundar na primeira tópica do aparelho psíquico. Neste ponto, conforme explica Roza (2005), Freud faz referência a um sistema psíquico – ³Ics, que faz uma contraposição a outro sistema psíquico, o Pcs/Cs, é em parte pertencente ao inconsciente, ou seja, de forma adjetiva, mas que não é o inconsciente.

Em A Interpretação dos Sonhos, cap. VII, o autor expõe sobre esta distinção tópica que vem a ser a marca essencial do inconsciente freudiano:

O que fazemos aqui, mais uma vez, é substituir um modo tópico de representar as coisas por um modo dinâmico. O que consideramos móvel não é a própria estrutura psíquica, mas sua inervação. Não obstante considero conveniente e justificável continuar a fazer uso da imagem figurada dos dois sistemas (FREUD, 1900, p. 632).

Por conseguinte, de acordo com Laplanche (2001), em um sentido descritivo o adjetivo inconsciente é usado para se referir a conteúdos não presentes no campo da consciência, sem fazer discriminação entre os conteúdos dos sistemas pré-consciente e inconsciente.

Para que não ocorram ambiguidades

com o termo, Freud (1932) explica que o inconsciente que está apenas latente e que com facilidade consegue retornar à consciência pode ser chamado de pré-consciente e reserva-se o termo inconsciente para o que não está presente na consciência.

Assim, no que se refere aos aspectos do elemento psíquico, o inconsciente abrange atos latentes que estão temporariamente inconscientes, bem como processos bem reprimidos que se viessem diretamente para a consciência contrastariam de forma grosseira com os processos conscientes. O impulso pulsional pode se fazer presente por meio de uma ideia ou estado afetivo, precisando de um caráter consciente para ocorrer (FREUD, 1915).

Do ponto de vista dinâmico, Roza (2005) explica que o sistema inconsciente é constituído por impulsos carregados de desejo e o núcleo apresenta representantes pulsionais, que buscam descarregar a catexia. Suas representações podem estar lado a lado sem que promova a extinção de uma delas e, se na consciência estes desejos forem diferentes, ocorre uma combinação entre as representações do inconsciente para chegar ao objetivo. Isso demonstra que a negação somente ocorrerá na fronteira do sistema inconsciente com pré-consciente.

Os impulsos não têm influência mútua se coordenados lado a lado. Assim, quando dois impulsos apresentam finalidades incompatíveis, eles se combinam sem redução para formar uma finalidade com meio-termo. Tudo é introduzido pela censura do inconsciente e pré-consciente, sem negação, dúvida ou certeza. Dessa forma, existem somente conteúdos catexiados com maior ou menor força, pois se houver a negação é um substituto da repressão (FREUD, 1915).

Já no que se refere ao ponto de vista sistemático, o autor acima citado explana que as palavras consciente e inconsciente irão se referir a sistemas particulares com suas características. Para evitar a ambiguidade direcionada ao ponto de vista descritivo, Freud sugere que se empregue na escrita a abreviação Cs para consciência e Ics para o que é inconsciente para quando se referir ao entendimento sistemático.

O sistema Ics se torna perceptível por meio dos sonhos, atos falhos, chistes, sintomas e neuroses, através do sistema *pré-Cs*, que dá acesso à consciência. “A descarga do sistema Ics passa a inervação somática, que leva ao desenvolvimento do afeto, mas mesmo esse cami-

⁴Ics: Sistema Psíquico Inconsciente;
Pcs/Cs: Sistema Psíquico Pré-Consciente/Consciente.

no da descarga é contestado pelo *pré-Cs*. Por si só o sistema *Ics* não seria capaz em condições normais de provocar quaisquer atos musculares adequados, em exceção os reflexos” (FREUD, 1915, p. 193).

Neste sentido, o aparelho psíquico é concebido como um aparelho reflexo, no qual em uma extremidade percebe estímulos internos e externos para na sequência encontrar a resolução na outra extremidade, a motora. Entre esses dois polos ocorre a constituição dos traços de memória do aparelho, ou seja, os traços mnésicos deixados pela percepção. Assim, a mesma excitação se fixa de forma distinta nas diversas camadas da memória (CHEMAMA, 1995).

Nesse ponto, torna-se necessário se explicar sobre o funcionamento do aparelho psíquico. Násio (1999) descreve que no psiquismo a tensão nunca se esgota e a excitação é sempre de origem interna, tendo como fonte de excitação exógena uma marca, ideia, imagem, ou seja, um representante ideativo carregado de energia, que também pode ser chamado de representante das pulsões. Este representante, uma vez carregado permanecerá excitado, não sendo possível uma descarga total. Essa é a tensão penosa, que o aparelho psíquico tenta em vão escoar. A descarga total jamais é atingida, pelo fato da excitação psíquica ser inesgotável, sendo sempre reativada. O psiquismo não pode resolver a excitação através de uma descarga motora e somente se pode reagir frente à excitação através de uma metáfora de imagem, pensamento ou fala que represente a ação.

De acordo com o autor acima citado, entre o representante da excitação e o representante da ação há uma rede composta por muitos outros significantes tecendo a trama do aparelho psíquico. Esta energia não circula da mesma maneira perante todos os representantes da rede, pois podem se organizar de modo que todos se conectem a um único representante em forma de cacho chamado condensação ou em fila indiana chamado deslocamento.

Ressalta-se que um ato psíquico, ao se referir ao seu estado, passa por duas fases, entre as quais se aplica uma censura. Na primeira fase ele é *Ics* e pertence a este sistema, se for rejeitado ou censurado não passará para a consciência, sendo reprimido. Caso passe no teste pertencerá ao sistema da consciência, porém, ao pertencer ao sistema, não significa que já está consciente, mas sim que é capaz de se

tornar. Por essa possibilidade de poder ser consciente chamamos esse sistema também de *pré-Cs*. É importante então destacar que o sistema *pré-Cs* participa do sistema consciente e que a censura é rigorosa na transição do que é *Ics* para *Cs* (FREUD, 1915).

1.1. CONSTITUIÇÃO DO RECALQUE

Na sequência, ao se falar sobre o inconsciente do ponto de vista dinâmico, chega-se ao conceito do recalque, sendo que de maneira especial em *A História do Movimento Psicanalítico* de 1914, Freud declara que esta teoria “é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise. É a parte mais essencial dela e, todavia nada mais é senão a formulação teórica de um fenômeno que pode ser observado quantas vezes se desejar [...]” (FREUD, 1914, p. 26).

Dessa maneira, conforme exposto por Roudinesco:

Para Freud, o recalque designa o processo que visa a manter no inconsciente todas as ideias e representações ligadas às pulsões e cuja realização, produtora de prazer, afetaria o equilíbrio do funcionamento psicológico do indivíduo, transformando-se em fonte de desprazer. Freud, que modificou diversas vezes sua definição e seu campo de ação, considera que o recalque é constitutivo do núcleo original do inconsciente. (ROUDINESCO, 1988, p.647).

Na premissa básica, Freud (1915) explica que umas das vicissitudes que um impulso pulsional pode sofrer é o recalque, que vai agir como uma resistência a fim de torná-lo inoperante. A satisfação de uma pulsão que se apresenta sob pressão seria claramente possível e agradável em si mesma, porém quando irreconciliável com outras reivindicações e intenções, causa prazer num lugar e desprazer em outro, fato que o torna condição para o recalque, em que a força motora do desprazer é mais forte do que o prazer da satisfação.

No sentido próprio, trata-se de uma operação onde o sujeito procura manter no inconsciente representações, que vem a ser pensamentos, imagens e recordações, ligadas a uma pulsão. Assim, o recalque é produzido nos casos em que a satisfação pulsional traria prazer a si mesma, ameaçando provocar desprazer relativo

a outras exigências (LAPLACHE, 2001).

Por esse motivo, o recalçamento que atua entre a fronteira dos sistemas *Ics* e *pré-Cs*/consciente e tem a função de proteger o *pré-Cs* das representações ligadas às pulsões que estão no *Ics* e necessitam permanecer neste sistema. Como são investidas pela pulsão, se estas representações chegarem ao *pré-Cs*, serão mandadas de volta, ocorrendo o desinvestimento das representações. Em seguida, o *eu* utiliza essa energia para se defender e evitar que a representação que voltou para o inconsciente tente retornar novamente para consciência (ROZA, 2005).

Através das observações das neuroses de transferência, Freud propõe que:

A repressão não é um mecanismo defensivo que esteja sempre presente desde o início; que ela só pode surgir quando tiver ocorrido uma cisão marcante entre uma atividade mental consciente e inconsciente, e que a essência da repressão consiste simplesmente em afastar determinada coisa do consciente, mantendo-a a distância. (FREUD, 1915, p.152).

Para Freud, o recalque é um processo que conta com dois momentos lógicos: o recalçamento originário ou primordial e o recalçamento propriamente dito. O recalçamento originário se trata do distanciamento de uma significação simbólica suportada pelo falo, objeto imaginário, que devido à castração não é aceita pelo consciente (CHEMAMA, 1995).

Antes da formação dos sistemas *Ics* e *pré-Cs/Cs*, ocorrem certas experiências em que não existe significação para o sujeito e que são inscritas no inconsciente, tendo seu acesso à consciência a partir deste fato. Essas inscrições funcionam como o “recalcado” original que tem a função de ser polo de atração para o recalçamento posterior ou propriamente dito. Essas inscrições ocorrem antes da entrada no simbólico, constituindo o registro do imaginário até receberem uma significação no período de simbolização. Somente a partir deste instante é que o caráter traumático é experienciado pelo sujeito e ocorrerá o recalque propriamente dito (ROZA, 2005).

Vale a pena ressaltar, segundo Roza (2008), que recalque não elimina as representações sobre as quais incide, de modo que as representações recalçadas não são eliminadas

e acabam por lutar sem cessar para ter o acesso ao sistema *pré-Cs*/consciente, o que promove um dispêndio constante de energia para fazer face à ameaça que tais representações recalçadas representam.

Por esse motivo, Freud (1915) salienta que o recalque propriamente dito é uma pressão posterior que ocorre na segunda fase, afetando os derivados mentais do representante reprimido ou sucessões de pensamento que se originam em outra parte e tenham se ligado de forma associativa com ele.

Sob esse ponto de vista, conforme explica Chemama (1995), se recalcam as pulsões oral, anal, escópica e invocante, ou seja, todas ligadas aos orifícios reais do corpo. Nesse momento, o recalçamento originário vai arrastá-las consigo ao sexualizá-las, sendo exigido que sejam postas de lado, justamente porque as incitações pulsionais provêm principalmente dos orifícios reais do corpo (desejo) e, ao serem reprimidas, sofrem como se fosse um golpe de lâmina nos suportes da excitação.

Em conformidade com o autor acima citado, pode-se admitir que na visão de Freud há o “primado do genital”, ou seja, ocorre a fixação do objeto imaginário, o falo, o qual exigirá que todas as outras pulsões venham a ser recalçadas enquanto as sexualiza. Neste ponto, constata-se que o representante que fora recalçado originalmente corresponde ao falo, ao se tratar de um objeto que apesar da existência do pênis, não poderia existir um suporte real. Assim, torna-se necessário a lógica do recalque secundário, devido às pulsões que não são genitais serem relacionadas com o gozo que é representado pelo falo, porque este as sexualiza apelando para o sacrifício do gozo independente do objeto.

Neste contexto, pode-se compreender que suprimir o desenvolvimento do afeto é a finalidade do recalque, o que dará finalidade ao trabalho. Mas a ideia inconsciente continua a existir, sendo impedida de se desenvolver, de maneira então que não existem afetos inconscientes, mas sim ideias inconscientes. A inibição consegue inibir um impulso pulsional, impedindo-o de se transformar em uma manifestação de afeto, mostrando que o sistema consciente não controla somente a afetividade como também o acesso a motilidade, sendo a condição mental da pessoa considerada normal (FREUD, 1915).

Dessa forma, constata-se que a ideia permanece não catexiada ou recebe/mantém

a catexia do inconsciente que já possuía. “Assim, há uma retirada da catexia pré-consciente, uma retenção da catexia do inconsciente, ou uma substituição da catexia pré-inconsciente por uma inconsciente” (FREUD, 1915, p. 185). Tudo aqui baseado sem modificações de novas informações ou alteração na catexia anulando a topografia.

Em contrapartida, Freud afirma que existe uma energia específica para cada sistema, então o que passa de um para o outro é a representação sem a energia libidinal investida nela. Desse modo, existem duas energias para investimento, sendo uma inconsciente e a outra consciente. Isto constitui o recalque posterior, mas não o originário, visto que não ocorreu ainda a clivagem da subjetividade em diferentes sistemas (ROZA, 2005).

Na oportunidade, na *Segunda Lição de Psicanálise*, de 1910, Freud ilustra por meio de uma metáfora o processo do recalque e sua relação com a resistência, embasado em sua própria vivência de uma convenção da qual participou. Assim, o autor diz:

Imaginem que nesta sala e neste auditório, cujo silêncio e atenção eu não saberia louvar suficientemente, se acha no entanto um indivíduo comportando-se de modo inconveniente, perturbando-nos com risotas, conversas e batidas de pé, desviando-me a atenção de minha incumbência. Declaro não poder continuar assim minha exposição; diante disso alguns homens vigorosos dentre os presente se levantam e após ligeira luta põem o indivíduo fora da porta. Ele está agora “reprimido” e posso continuar minha exposição. Para que, porém não se repita o incomodo se o elemento perturbador tentar penetrar novamente na sala, os cavalheiros que me satisfizeram a vontade levam as respectivas cadeiras para perto da porta e, consumada a repressão, se postam como ‘resistências’. Se traduzirmos agora os dois lugares sala e vestibulo, para a psique, como ‘consciente’ e ‘inconsciente’, os senhores terão uma imagem mais ou menos perfeita do processo de repressão (FREUD, 1910, p. 40).

2. SEGUNDA TÓPICA

Durante o verão de 1922, após a grande reformulação teórica iniciada com *Mais Além do Princípio do Prazer* e continuada através da *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, Freud esta-

va certo em dar continuidade ao seu terceiro ensaio sobre a teoria do aparelho psíquico, porém desta vez mantendo-se próximo da psicanálise e procurando não realizar novos empréstimos à biologia. Até o momento pertencentes à primeira tópica do aparelho psíquico, apresenta-se uma distinção no termo inconsciente no que tange ao sentido descritivo e sistemático (ROUDINESCO, 1998).

De acordo com a autora cima citada, destaca-se que no sentido descritivo, o inconsciente trata-se de processos psíquicos latentes que são suscetíveis a se tornarem conscientes; e no ponto de vista dinâmico, encontra-se o inconsciente contendo o material psíquico recalqueado. Neste sentido, ocorre uma representação tópica do psiquismo comportando dois sistemas: o pré-consciente (*Pcs*)/consciente (*Cs*) e o inconsciente (*Ics*), dando uma conotação não descritiva, mas sistemática.

Desde o início, Freud (1923) propõe que o inconsciente foi aplicado a um sistema estrutural da mente, onde o *eu* era algo diferenciado. Porém, através de uma necessidade teórica e clínica, começa a parecer que o *eu* deveria ser parcialmente descrito como ‘inconsciente’, conforme o que Freud diz na primeira edição da obra *Além do Princípio do Prazer* (1920): “pode ser que grande parte do *ego* seja, ela mesma, inconsciente, somente uma parte dele é abrangida pelo ‘pré-consciente’”. Porém, esta mesma frase é alterada anos depois já na segunda edição para “somente uma pequena parte dele é abrangida pelo pré-consciente”. (FREUD, 1923, p.18).

Este novo modelo estrutural do aparelho psíquico surge de uma necessidade de incluir a pulsão de morte na estrutura anímica, bem como a compulsão por repetição, ao mesmo tempo em que é necessário localizar topicamente o lugar onde as resistências surgem, sendo conceitualizadas assim as três instâncias psíquicas: o *Isso*, totalmente inconsciente, o *eu* e o *supereu*, que contém fragmentos que pertencem ao inconsciente, pré-consciente e consciente (LEVATO, 2012).

De acordo com Roza (2005), Freud reafirma a tese que a distinção entre consciente e inconsciente é o que constitui a estrutura da psicanálise, então a primeira tópica não foi abandonada ou teve sua importância diminuída, apenas esta distinção dos sistemas *Ics*, *pré-Cs/Cs* tornou-se insuficiente para fins práticos. Torna-se importante salientar que a ênfase da segunda

tópica não recai sobre o mesmo ponto, nem sequer trata-se de uma tóptica, pelo fato de não ser dos lugares psíquicos que o autor está falando.

Em conformidade com o autor acima citado, pode-se compreender que a primeira tóptica era voltada para economia libidinal, enquanto que a segunda volta-se para a libido sendo confrontada com algo que lhe é externo, ou seja, a exigência da renúncia imposta pela cultura. Desse modo, entende-se que o inconsciente é fruto do recalque e que este ocorre frente à relação com algo que seja exterior ao psiquismo e a libido sempre foi pensada por Freud como “em situação de cultura” (ROZA, 2005, p. 206).

Por conseguinte, considerando o novo desenho do aparelho psíquico, pode-se adentrar em suas particularidades. De acordo com Roudinesco (1998), num primeiro momento pertencente à primeira tóptica, em 1915 o *eu* foi percebido como estreitamente ligado à consciência, sendo responsável pelas informações entre a organização psíquica e o mundo externo. Porém, após as experiências de análise em que Freud realizava associação livre em seus pacientes, pode-se constatar que havia resistências inconscientes, que faziam oposição à suspensão do recalque do *eu*.

Nesta direção, Freud salienta:

Para nossa concepção do inconsciente, contudo as consequências de nossa descoberta são ainda mais importantes. Considerações dinâmicas fizeram-nos efetuar a primeira correção; nossa compreensão interna (insight) da estrutura da mente conduz a segunda. Reconhecemos que o *Ics* não coincide com o reprimido; é ainda verdade que tudo o que é reprimido é *Ics*, mas nem tudo que é *Ics* é reprimido. Também uma parte do *ego* e sabem os céus que parte tão importante, pode ser *Ics*. E esse *Ics* que pertence ao *ego* não é latente como o *Pcs*, pois se fosse, não poderia ser ativado sem tornar-se *Cs*; e o processo de torná-lo consciente não encontraria tão grandes dificuldades. (FREUD, 1923, p.31).

Em consequência pode-se salientar que, topologicamente falando, o *eu* pertence tanto ao *Cs* como ao *Pcs* e ao *Ics*, sem que sua parte inconsciente possa coincidir com o recalque. Assim, o *eu* se origina no sistema *Pcpt-Cs*, sendo uma projeção da superfície corporal. Encontra-se em contato com os dois mundos, sendo responsável pelo “teste de realidade” e controle

da motilidade pela sua relação com o *id*, funcionando então como mediador entre este citado e o mundo externo (ROZA, 2005).

Após esclarecimentos sobre as relações do *eu* com as percepções do mundo externo e interno, Freud propõe que seja seguido uma sugestão do escritor Georg Groddeck, o qual insiste que o que chamamos de *eu* se comporta de modo passivo frente à vida e conforme expressado nós somos “vividos” por forças desconhecidas e incontroláveis. “Proponho levá-la em consideração chamando a entidade que tem início no sistema *Pcpt* e começa por ser *Pcs* de *ego* e seguindo Groddeck no chamar a outra parte da mente pela qual essa entidade se estende e que se comporta como se fosse *Ics* de *id*” (FREUD, 1923 p. 37).

Assim, o *Isso* se refere ao que é recalcado, tendo sua totalidade inconsciente, no sentido tópico e dinâmico. Porém, Freud dedica a ele dois departamentos, sendo que um se refere ao inconsciente recalcado e o outro faz acesso ao núcleo do *Isso*, onde se situa o centro pulsional e os conteúdos jamais terão acesso à consciência (LEVATO, 2012).

Nessa premissa, conforme explica Náσιο (1999), o inconsciente enquanto sistema é correspondente ao *Isso*, apresentando algumas distinções, como se elenca a seguir. Primeiramente, no *Isso* é possível encontrar as representações inconscientes gravadas no psiquismo sob influência do desejo dos Outros, bem como as representações próprias da espécie humana transmitidas através da filogênese.

Em conformidade com o autor acima citado, entende-se que o *Isso* se apresenta como um grande reservatório da libido narcísica e objetal, através do qual o *eu* e o *supereu* se alimentam das suas ações. Por fim, a mais importante diferença se refere ao fato do *Isso* ter uma gigante capacidade de perceber no seu interior a tensão pulsional, que Freud vai chamar de auto-percepção endopsíquica, traduzida na consciência em formato de prazer ou desprazer.

Desse modo, pode-se tirar alguma vantagem desse ponto de vista para fins de descrição e compreensão, conforme explica Freud:

Examinaremos agora o indivíduo como um *id* psíquico, desconhecido e inconsciente, sobre cuja superfície repousa o *ego*, desenvolvido a partir de seu núcleo sistema *Pcpt*. Se fizermos um esforço para representar

isso pictoricamente, podemos acrescentar que o ego não envolve completamente o *id*, mas apenas até o ponto em que o sistema *Pcpt* forma a sua [do ego] superfície, mais ou menos como um disco germinal repousa sobre o óvulo. O ego não se acha nitidamente separado do *id*; sua parte inferior funde-se a ele. Mas o reprimido também se funde ao *id*, e é simplesmente uma parte dele. Ele só se destaca nitidamente do ego pelas resistências do recalque, e onde se comunicar com o ego através do *id*. (FREUD, 1923, p.37).

Esta questão revela que o *eu* se torna uma instância intermediária, onde através do sistema percepção-consciência se liga ao mundo externo e por outro lado, se funde ao *Isso* exercendo uma função no que compete à pulsão. Dessa maneira, o *eu* representa o que se pode dominar pela razão e bom senso e, em contrapartida, o *Isso* tem como conteúdo as paixões (ROUDINESCO, 1998).

Esta complexa relação do *id* com o *eu* pode ser ilustrada por Freud com a seguinte metáfora, uma vez que o *eu* apresenta uma importância funcional por exercer controle sobre as abordagens à motilidade:

Assim em sua relação com o *id*, ele é como um cavaleiro que tem de manter controlada a força superior do cavalo, com a diferença de que o cavaleiro tenta fazê-lo com a sua própria força, enquanto que o ego utiliza forças tomadas de empréstimo. A analogia pode ser levada um pouco além. Com frequência um cavaleiro, se não deseja ver-se separado do cavalo, é obrigado a conduzi-lo onde este quer ir, da mesma maneira o ego tem o hábito de transformar em ação a vontade do *id*, como se fosse sua própria (FREUD, 1923, p. 39).

De certa maneira, conforme expõe Roudinesco (1998), Freud busca proteger essas novas elaborações de qualquer forma de julgamento moral, então rejeita a ideia de um inconsciente como local privilegiado de paixões vis, bem como faz oposição a uma consciência sendo sede das nobres atividades intelectuais. Por esse motivo, salienta que é frequente um trabalho intelectual empenhado encontrar sua solução durante o sono de maneira inconsciente, ou seja, acaba por reafirmar que não é apenas o mais profundo, mas também o mais elevado no *eu* que pode ser inconsciente.

Por conseguinte, Freud (1923, p.43) declara: “se o ego fosse simplesmente a parte do *id* modificada pela influência do sistema perceptivo, o representante da mente do mundo externo real, teríamos um simples estado de coisas a tratar. Mas há uma outra complicação”.

Esta questão revela que o *eu* não tem apenas o *id* como adversário e rival para se confrontar, mas também com uma terceira instância que vai dando forma à terceira região do psiquismo: o *supereu*. Este, por sua vez, tem uma parte diferenciada que se constitui como instância autônoma, bem como agente crítico. Dessa maneira, se o *eu* em face do *id* é o representante do externo, o *supereu* é então reconhecido como representante do interno (ROZA, 2005).

Vale a pena ressaltar que Freud estudou pela primeira vez as formas do *supereu* em 1914 no artigo *Introdução ao Narcisismo*, no qual chamou de *Ideal do Eu*, concebendo-o como uma função do *eu*. Na sequência, em 1921, após a publicação de *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, o que era entendido como uma função se transformou para uma instância, mantendo o mesmo nome. Por fim, surge o novo termo *supereu*, que vem a ser equivalente ao *Ideal do Eu*, então este último deixa de ser entendido como herdeiro do narcisismo primário (ROUDINESCO, 1998).

Nessa perspectiva, Násio (1997) salienta que a origem desta instância soberana ocorre com o desaparecimento do complexo de Édipo, ou seja, em torno dos cinco anos de idade. Desse modo, as proibições que o pai impõe ao filho edipiano, no que tange à realização de seu desejo incestuoso, tornam-se dentro do *eu* exigência moral que o sujeito internaliza e impõe a si após o complexo de Édipo, agora através do *supereu*.

Dessa forma, Quinet (2008) pontua que com a segunda tópica, o complexo de Édipo passa a adquirir um destaque conceitual, uma vez que articula a falta e a diferença dos sexos, o desejo e a lei e a castração e a angústia. O complexo de Édipo se reordena a partir da castração para o homem e a inveja do pênis para a mulher, isto é, ocorre uma articulação no que tange a falta. Esta última refere-se ao selo da sexualidade e que contempla no falo seu significante primordial, ou seja, da castração.

Nesse ponto Freud declara que:

O ideal do ego é herdeiro do complexo de

Édipo, e, assim, constitui também a expressão dos mais poderosos impulsos e das mais importantes vicissitudes libidinais do *id*. Eri-gindo esse ideal do ego, o ego dominou o complexo de Édipo, e ao mesmo tempo colocou-se em sujeição ao *id*. Enquanto que o ego é essencialmente representante do mundo externo e da realidade, o superego coloca-se, em contraste com ele, como representante do mundo interno do *id*. (FREUD, 1923, p.51).

Portanto, o *supereu*, sendo concebido como herdeiro do complexo de Édipo, significa que é descendente dos seus investimentos resignados e passa a representar as influências da pulsão, bem como dos estímulos do meio externo no que se refere aos termos legais, morais e estéticos (LEVATO, 2012).

Neste sentido, Freud (1923) explica que, após a formação do ideal, os aspectos que a biologia e as relações humanas acabaram por criar no *id* são assumidos pelo *eu* e é reexperimentado em relação a si próprio como indivíduo. Então, o que antes pertencia à parte mais baixa da vida mental é transformado com a formação do ideal no que é de mais elevado na mente humana pertencente à escala de valores. O ideal do ego responde a tudo que é esperado do homem da mais alta natureza, atuando como um substituto de um anseio pelo pai e contendo o germe do qual todas as religiões envolvem.

Segundo o autor acima citado, pode-se compreender que o autojulgamento que declara que o *eu* não atinge seu ideal produz o sentimento de humildade, este sendo religioso onde o crente vai apelar pelo que anseia. À medida que a criança vai se desenvolvendo, o papel do pai passa a ser desempenhado pelos professores e outras pessoas com função de autoridade, fato que promove a continuação da proibição de forma poderosa e continua sendo efetuada de forma consciente, promovendo censura moral.

Nesta direção, o *supereu-consciência*, que contém caráter espiritual, ideal e autocrítico é o mais conhecido, que designa a instância *supereu-ótica*, porém, também o mais superficial, pois sendo o *supereu* um conceito absolutamente crucial para dar conta da existência humana, se abarcasse somente esta face, não ocuparia um caráter tão particular e importante na teoria psicanalítica. O que corresponde que há outro *supereu* correspondente ao oposto dos princípios racionais e da moral que busca o bem,

ou seja, este é cruel e feroz, sendo a causa da grande aflição humana e das ações infernais absurdas do homem. Portanto, o bem que este *supereu* tirânico e selvagem ordena se refere ao gozo absoluto, infligindo qualquer limite, e nós obedecemos sem o saber, ainda que isto ocupe lugar da destruição do que nos é mais caro (NÁSIO, 1997).

Deste modo, conforme expõe Quinet, (2004), uma vez que o *supereu* representa as exigências da moralidade, sendo então nada menos que Deus, que vem a ser representado como um olho, devido sua função de vigilância, destacando sua onipotência. Deus se torna uma figura onividente do *supereu*, constituindo uma instância severa e cruel, conforme explica Freud, torna-se hipersevero, insulta, humilha e maltrata o pobre *eu*. Assim, o *supereu* demonstra ter realizado uma escolha unilateral, ficando apenas com a função de proibição e punição.

Entretanto, quando o *eu* não corresponde às ideias do superego, acaba resultando em angústia, portanto a consciência moral está sujeita a uma sexualização regressiva, onde a crueldade acaba por encontrar uma satisfação masoquista. Então, uma vez que a crueldade do *supereu* é o que fica em evidência, se houver uma satisfação pulsional do *eu*, poderá ocorrer uma degradação da moralidade. Sendo assim, por via do masoquismo o *supereu* se alia ao gozo e ordenando “goza!” (RUDGE, 1998).

Neste quesito, conforme pontua Násio (1997), uma vez que o *eu* é encurralado pela pressão *supereu-ótica*, pode chegar a praticar ações de violência contra ele mesmo ou contra o mundo. Porém, o *supereu-consciência* não é o único representante psíquico da lei moral que visa o próprio bem e dos demais, ele é antes de tudo um semblante de uma lei inconsciente que nos ordena a impelir nosso desejo até seu último ponto. E o *supereu* feroz é também desmedido em seu papel de proibido do gozo e de guardião da integridade do *eu*, através de três funções *supereu-óticas*: exortação, proibição e proteção, porém são assumidas de forma violenta e mór-bida pelo tiranismo.

Sob esse ponto de vista, Násio (1997, p.129), ao realizar suas considerações sobre o superego, apropria-se da seguinte frase de E. Jones: “o superego é inimigo do homem, bem como seu amigo. Não é exagero dizer que a vida psíquica do homem é essencialmente feita de esforços obstinados, seja para escapar a domi-

nação do superego, seja para suportá-la”.

3. “O INCONSCIENTE É ESTRUTURADO COMO UMA LINGUAGEM”

Para Lacan, após as experiências e intuições Freudianas, permite-se a compreensão de que uma experiência analítica é aquela na qual o sujeito é confrontado com a verdade de seu destino, por meio do discurso, onde é constituído e situado. Desse modo, não há verdade e significante que não estejam ligados à palavra e a linguagem, ou seja, além da relação inter-humana, tem-se presente a ordem simbólica. Neste quesito, Freud reconhece a Lei Simbólica como motivação central no inconsciente, onde nomina como complexo de Édipo, sendo através das nomeações da parentela e das proibições que o fio das linhagens é acionado, portanto sendo idêntica à ordem da linguagem (CHEMAMA, 1995).

Nesta perspectiva, conforme explica Jorge e Ferreira (2005), Lacan parte da premissa evidente de que a linguagem determina o homem deste o nascimento até a morte. Através dos progenitores, o bebê vem ao mundo e é marcado pelo discurso deste, onde se inscreve a fantasia, a cultura, a classe social, a língua, entre outros. Todos esses fatores articulados constituem o campo do Outro, onde se forma o sujeito.

Segundo os autores acima citados, pode-se expor que a lógica do significante foi desenvolvida por Lacan para intitular uma teoria da relação entre o inconsciente e a linguagem, assim, o significante é a unidade mínima do simbólico e jamais aparecerá isolado, mas sim envolve na articulação dos demais significantes.

A articulação de Lacan trata-se de uma retomada ao pensamento do autor Saussure e aponta a ideia central conceituando o signo linguístico composto por duas partes: o significado e o significante. “O signo não é a união de uma coisa e um nome, mas a união de um conceito e uma imagem acústica (ou impressão psíquica de um som)” (ROZA, 2005, p. 184).

De acordo com o autor acima citado, Saussure postula o signo linguístico através de dois princípios: a arbitrariedade e o caráter linear. Na arbitrariedade não existe a relação necessária entre um significado e um significante, ou seja, nada que una o significado “árvore” à sequência de sons que lhe servem de significante,

então o mesmo significado de “árvore” pode ser representado pelos significantes *arbor*, *arbre*, *tree* ou *baun*, conforme a escolha de quem fala. No que se refere à característica de arbitrário, esta possui um caráter linear do significante, isto é, são significantes acústicos que se apresentam um após o outro formando uma cadeia.

Partindo dessa premissa, Lacan se aprofunda na teoria do signo verbal na versão de Sechehaye e Bally e conclui que não há relação entre significante e significado. Deste modo, apesar de Saussure e também outros linguistas que o sucederam não abandonarem o caráter biunívoco entre o significante e o significado, Lacan acaba por privilegiar o significante em detrimento do significado, fazendo questão de diferenciar o significante da imagem acústica, assim, em sua essência este não é de modo algum fônico, sendo incorpóreo e constituído unicamente pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras (JORGE e FERREIRA, 2005).

Esta questão revela que a partir deste ponto Lacan elabora uma teoria que parte do algoritmo S/s, conforme explica nos *Escritos*:

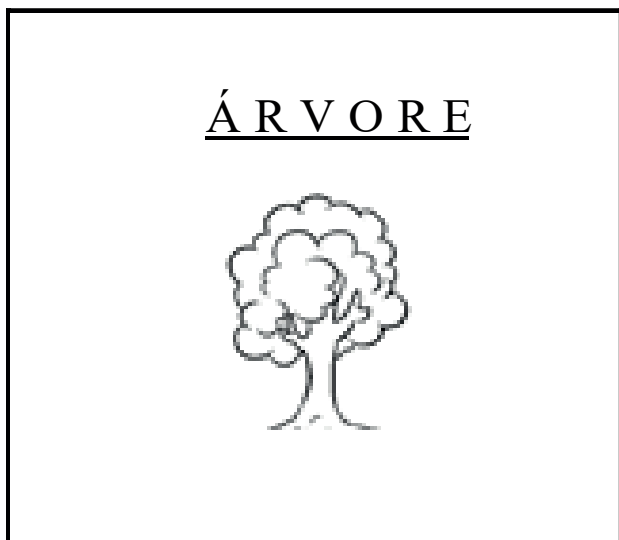
Para marcar o surgimento da disciplina linguística, diremos que ela se sustenta, como acontece com toda ciência no sentido moderno, no momento construtivo de um algoritmo que se lê: significante sobre significado, correspondendo o “sobre” a barra que separa as duas etapas. A temática dessa ciência está presa à posição primordial do significante e do significado, como ordens distintas e inicialmente separadas por uma barreira resistente à significação. Eis o que tornará possível um estudo exato das ligações próprias do significante e da amplitude da função destas na gênese do significado (LACAN, 1998, p. 500).

Dessa forma, foi possível construir uma teoria sobre a relação entre inconsciente e linguagem, conforme explicam Jorge e Ferreira (2005): o significante é a unidade mínima do simbólico e tem como característica não comparecer isolado, sendo articulado com outros significantes. A articulação entre os significantes produz a significação, constituindo, assim, uma cadeia.

Segunda Roza (2005), buscando ilustrar a função significante, Lacan promove a substituição da imagem clássica de Saussure (figura

1) onde se encontra um desenho de uma árvore abaixo da palavra árvore, demonstrando a oposição diferencial entre significantes que produz o efeito de significado. Esta imagem é considerada pelo autor como defeituosa, pelo fato de privilegiar o significado e promover isolamento do signo através da relação biunívoca, conforme exposto abaixo:

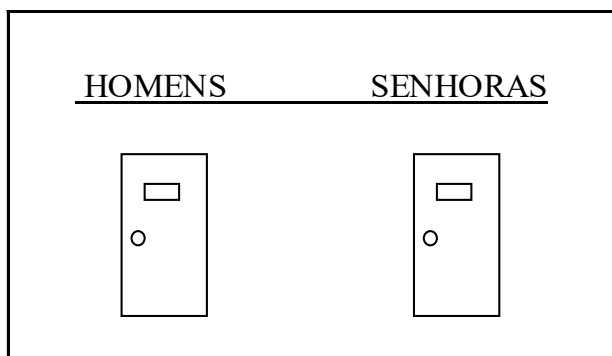
Figura 1: Ilustração da função significante de Saussure.



Fonte: Roza, 2005.

Na segunda ilustração, Lacan coloca no lugar do significado duas figuras idênticas separadas dos significantes “HOMENS” e “SENHORAS” na parte superior, separados por uma barra (figura 2), o que demonstra a oposição entre os significantes que atuam em produzir diferenciação nos significados (ROZA, 2005).

Figura 2: Ilustração da função significante de Lacan.



Fonte: Roza, 2005.

Desta maneira, Lacan pontua que:

Isso não é apenas para desconcertar como um golpe baixo o debate nominalista, mas para mostrar que o significante de fato entra no significado, ou seja, de uma forma que, embora não seja imaterial, coloca a questão de seu lugar na realidade. Pois, ao ter que se aproximar das plaquinhas esmaltadas que lhe servem de suporte, o olhar pestanejante de um míope talvez tivesse razão em questionar se é realmente ali que convém ver o significante, cujo significado, nesse caso, receberia dupla e solene procissão da nave superior as derradeiras honras. (LACAN, 1998, p.503).

Nesta direção, Roza (2005) explica que através dessa simbolização é possível a construção da objetivação, do discurso e percepção, bem como media a realidade. Assim, propicia uma releitura de Freud juntando com os saberes da linguística e da antropologia, apresentando os diferentes níveis da estruturação simbólica e a formação do inconsciente através da linguagem.

Nessa perspectiva, pode-se compreender que o inconsciente está estruturado como uma linguagem, e isso significa dizer que ele tem uma realidade material. Porém, ainda assim ele é efeito do dizer, porque sujeito sempre diz mais do que sabe. Assim, Lacan sente a necessidade de explicar que nunca disse que o inconsciente fosse uma reunião de palavras, mas sim está precisamente estruturado como uma linguagem. Neste sentido, o aspecto do inconsciente fora do significante intitula e redefine a estrutura que antes era pensada somente pelo simbólico, a partir deste ponto, somente pode ser entendida como um Simbólico organizado por um Real (LEITE, 2001).

Nesta direção, Roza (2008) pontua que os primeiros conceitos de Lacan que sustentam a hipótese de um inconsciente estruturado como uma linguagem recebem seu aval linguístico a partir da teoria de Ronan Jakobson sobre afasia, a qual descreve que todo distúrbio afásico pode ser reduzido a dois tipos básicos: ou são distúrbio da similaridade (metafóricos) ou são da contiguidade (metonímicos), que equivalem aos conceitos de condensação e deslocamento apresentados por Freud como mecanismos básicos do trabalho do sonho.

De acordo com Dor (1989), o trabalho

do sonho recorre principalmente a partir de dois mecanismos fundamentais: a condensação e o deslocamento. Freud se deparou a partir das observações empíricas com estes dois mecanismos e constatou a diferença de volume do material manifesto e os pensamentos latentes, por um lado, e do outro a exigência de disfarce do sentido que intervém aos níveis de pensamentos latentes do sonho.

Então Lacan propõe, a partir de Freud, duas formas de articulação dos significantes, chamadas de “leis do inconsciente”, que correspondem do ponto de vista da linguística, sendo a metáfora e a metonímica (QUINET, 2008).

Segundo Longo (2006), o deslocamento e a condensação, bem como linguisticamente a metáfora e a metonímia, tratam-se de figuras de linguagem que abarcam o interesse do homem desde a *Retórica* de Aristóteles no século IV. Assim, definindo de forma tradicional, a metáfora está associada à semelhança de sentidos, sendo uma comparação condensada e resumida, onde se projetam atributos de um segundo elemento num primeiro. Esses atributos podem ser projetados somente se ambos os elementos tiverem algo em comum, reais ou imaginários.

Por sua vez, Lacan (1998, p. 510) explica que “*uma palavra por outra*, eis a fórmula da metáfora, e, caso seja você poeta, produzirá, para fazer com ela um jogo, um jato contínuo de tecido resplandecente de metáforas”.

Desse modo, conforme explica Quinet (2008), Lacan usa a metáfora para mostrar o que Freud chama de condensação, ou seja, a figura composta que aparece no sonho vem a ser uma superposição de significantes, onde se substitui um significante por outro, como se encontra nas poesias. O autor exemplifica com a frase: “a mulher é uma rosa”. Trata-se de um efeito metafórico, uma vez que ela não é uma rosa e nem uma planta, pois está se referindo a esse termo no intuito de apontar alguma qualidade do sujeito da frase, podendo ser um atributo de beleza, perfume, delicadeza, entre outros.

Dessa maneira, para desenvolver a incidência do significante sobre o significado S/s, Lacan apresenta uma fórmula que introduz os polos distintos da linguagem numa referência à significação. Ao se tratar da metáfora, esta manifesta a emergência da significação estando presente o franqueamento da barra entre S e s: $f(S'/S)S=S(+).s$. (JORGE, 2008).

Conforme explica Quinet (2008), a bar-

ra entre S' e S é correspondente ao recalque e o significante (S') tem a função de substituir o significante recalcado (S), e o sinal (+) se trata da emergência da significação. Lacan indica que esta forma de articulação entre dois significantes é a própria do sintoma, definindo como um nó de significação.

“A estrutura metafórica, que indica que é na substituição do significante pelo significante que se produz um efeito de significação que é de poesia e criação, ou, em outras palavras, do advento da significação em questão. O sinal +, colocado entre (), manifesta aqui a transposição da barra, bem como o valor construtivo dessa transposição para a emergência da significação” (LACAN, 1998, p. 519).

No que se refere à metonímia, conforme pontua Longo (2006), está associada à contiguidade, ou seja, consiste em tomar a parte pelo todo. É o continente pelo conteúdo, fazendo a palavra deslizar de uma parte do objeto para outra, que apresenta uma designação diferente. Ao designar o mesmo objeto com outra palavra, ocorre um deslizamento de sentido, que pode fazer surgir várias associações e sentidos diferentes.

Sob esse ponto de vista, Quinet (2008) salienta que se trata de uma articulação de um significante ao outro por deslizamento. Assim diz:

Tomemos o famoso exemplo de metonímia: “Trinta velas despontam no horizonte” Ao invés de se falar barco, fala-se vela, de acordo com a definição de metonímica que é a parte pelo todo, pois tomou-se parte do barco, a vela para se referir ao barco. Para generalizar o termo metonímica, podemos dizer que o que permite articular vela com barco é simplesmente a articulação significante (“vela” se articula com “barco”) (QUINET, 2008, p. 32).

Neste sentido, conforme ressalta Jorge (2008) a metonímia manifesta a resistência à significação presentificada pela permanência da barra entre S e s: $f(S. S') S = S(-).s$. Então no matema acima, Quinet (2008) pontua que a conexão do significante com significante (S. S) não permite a cristalização de um significado e o sinal (-) vem representar a resistência à significação.

Por esse motivo, Lacan (1998, p. 519) explica que “a estrutura metonímica, indicando

que é a conexão significante com significante que permite a elisão mediante a qual o significante instala a falta do ser na relação de objeto, servindo-se do valor de significação para investila com o desenho visando essa falta que ele sustenta”.

Então, ao redimensionar as noções fundamentais a partir da teoria que busca intitular que o trabalho do sonho segue as leis do significante, Lacan explica que a assimilação do par condensação/deslocamento ao par metáfora/metonímia é embasada ao se compreender que a condensação é composta por uma sobre imposição dos significantes que dá origem à metáfora, bem como quando a substituição de significantes atua no deslocamento, tem como base a contiguidade que é equivalente à metonímia. Desta maneira, o efeito de distorção que se produz no sonho através dos mecanismos de condensação e deslocamento é semelhante ao efeito da metáfora e metonímia na linguagem, ou seja, diz outra coisa diferente daquilo que diz a letra (ROZA, 2008).

Em contrapartida, conforme explica Roza (2005), fica evidenciado a partir do texto de *A Interpretação dos Sonhos* de Freud, que os mecanismos por ele apontados como responsáveis pela elaboração onírica não se limitam nos sonhos, ou seja, são mecanismos fundamentais do inconsciente em geral. Assim, segundo Lacan:

A metáfora e a metonímia vão nos fornecer a tópica desse inconsciente, que é a mesma que é definida pelo algoritmo S/s. Devemos entender por isso não apenas que a metáfora e a metonímia regem o funcionamento do inconsciente no recalamento original. Os processos metafóricos e metonímicos encontramos em funcionamento em todas as chamadas formações do inconsciente e são eles os responsáveis por uma das mais importantes características da linguagem: o seu duplo sentido, isto é, o fato dela dizer outra coisa diferente daquilo que diz a letra. Do ponto de vista da linguística, esse efeito de alteração de sentido é obtido na metáfora, pela substituição de significantes que mantém relações de contiguidade. (LACAN, 1978, p.245 apud ROZA, 2005).

Portanto, tem-se uma demonstração do inconsciente estruturado como uma linguagem, e que este fica longe de ser uma espécie de saco sem fundo, de onde vai se tirando coisas, e assim demonstra que ele fica na superfície. Por-

tanto, somente está escondido ao passo que não é formulado e não se desenrolam seus significantes. Uma vez que o inconsciente se manifesta através da articulação de significante em significante, torna-se justificável a intitulação da regra de ouro da psicanálise que Freud chama de associação livre, e que na verdade não tem nada de livre, pois o inconsciente apresenta uma tendência à repetição (QUINET, 2008).

Segundo o autor acima citado, o sonho, com o qual Freud descobriu a “Outra” cena que se constitui o inconsciente, é uma forma deformada de articulação do significante, sendo a partir do relato que cada cena representa que os significantes vão se ligando com os outros significantes, promovendo a aparição de significantes recalçados por onde rolam os dados do desejo.

Finalmente, pode-se compreender que mesmo Freud atribuindo importância aos símbolos e ao simbolismo no sonho, em sua teoria não é autorizado que se prescindia da palavra do sujeito para desvelar o inconsciente. Neste ponto se apresentam os recursos decisivos de Lacan em seu retorno a Freud, de maneira a colocar em primeiro plano do campo psicanalítico a dimensão dessa palavra, que vai de encontro a uma das propriedades fundamentais do inconsciente: a de não poder se fazer ouvir, por um sujeito, por nenhum elemento significante previsível antecipadamente. Nesta ocasião, a inserção do referencial do inconsciente nas malhas do discurso faz com que este apareça como uma propriedade induzida pelo sujeito falante. (DOR, 1989).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo objetivou explicar o conceito e a evolução teórica do inconsciente, apresentando seus elementos, bem como a dinâmica de funcionamento. A escolha do presente tema justifica-se pela importância em se tratar de um dos conceitos fundamentais da psicanálise e pelo seu reconhecimento como a principal descoberta freudiana.

A aquisição teórica possibilitou a compreensão do psiquismo anteriormente a Freud, sendo concebido por uma subjetividade com domínio da razão, com ênfase voltada para a consciência. Por esse motivo, os filósofos da época já estudavam as forças inconscientes, de modo a explaná-las sem uma divisão assim nominada,

ou seja, imperava a vontade racional onde o *eu* era capaz de controlar seus impulsos. Assim, o inconsciente era concebido de forma puramente adjetiva, com o intuito de explicar tudo o que não era consciente, não sendo reconhecido como um aparelho psíquico.

Neste ponto foi possível e de extrema importância desmistificar a concepção do inconsciente, de modo a salientar que este “foge à concepção romântica do imaginário, não sendo um lugar das divindades noturnas” (LACAN, 1964). Portanto, não se trata de algo profundo, instintivo, tumultuado ou ilógico.

Em virtude dos fatos mencionados, compreende-se que o inconsciente trata-se de um processo psíquico e a percepção de sua existência se dá através de seus efeitos, visto que os dados da consciência apresentam um número grande de lacunas, através das quais ocorrem os atos psíquicos como as parapraxias, os sonhos, sintomas, entre outros, que podem ser explicados com respaldo e suposição de outros atos aos quais não pertence a consciência e esta não é capaz de intitular provas. Referente à topografia psíquica, observa-se que não é composta substancialmente e anatomicamente no cérebro, pois se trata metaforicamente de lugares psíquicos, agindo através de uma cisão e articulação das leis simbólicas que constituem então as instâncias psíquicas.

Consequentemente, Freud começa a lapidar a partir de 1900, por meio da obra *A Interpretação dos Sonhos*, até 1915 com o artigo *O Inconsciente*, a estrutura do inconsciente, apresentando num primeiro momento o que chama de a primeira tópica do aparelho psíquico, sendo constituída pelos lugares psíquicos e através dos elementos formadores, sendo apresentados do ponto de vista tópico, dinâmico e econômico.

Entende-se do ponto de vista tópico a constituição de dois grandes sistemas psíquicos, sendo um deles o inconsciente (*Ics*), que faz contraposição ao sistema o pré-consciente/consciente (*Pcs/Cs*). Em se tratar do ponto de vista dinâmico, o inconsciente abrange atos latentes que estão temporariamente inconscientes que se viessem diretamente para a consciência contrastariam com esta de forma extremamente grosseira. Levando em consideração o ponto de vista econômico, compreende-se que se trata da passagem de uma representação do sistema inconsciente para o sistema pré-consciente/consciente, onde cada sistema possui sua catexia

própria e específica. Então o que passa de um sistema para outro é o representante ideativo e não o conteúdo que foi propriamente recalçado.

Dado o exposto, chega-se ao conceito do recalque que, segundo Freud (1914), “é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise”. Nitidamente é possível perceber que o recalque se trata do núcleo constitutivo que funda o inconsciente, designando um processo que visa manter no inconsciente todas as representações ideativas, que vem a ser pensamentos, imagens, recordações, entre outros. Representações estas que ligadas à pulsão seriam fonte de prazer para elas mesmas, mas, em contrapartida, provocariam um desprazer imensamente maior perante outras exigências, culturais e do outro.

Por conseguinte, partindo de uma necessidade teórica e clínica, Freud constata uma insatisfação com o então modelo topográfico, uma vez que através deste não era possível explicar muitos dos fenômenos psíquicos que emergiam na prática clínica. Em vista disso, a partir de 1922, após uma grande reformulação teórica a partir das obras “*Além do Princípio do Prazer e Psicologia das Massas e Análise do Eu*”, apresenta um novo modelo estrutural do aparelho psíquico. Assim sendo, entende-se que na primeira tópica o *eu* era concebido como totalmente abrangido pelo consciente e pré-consciente e que no inconsciente estariam presentes as representações recalçadas pelo *eu*. Assim, a batalha dos conflitos psíquicos aconteceria entre o *eu* consciente e as representações recalçadas que lutavam para vir à consciência.

Logo, com este novo modelo estrutural do aparelho psíquico, a segunda tópica é conceituada a partir de três instâncias psíquicas: o *Iso*, totalmente inconsciente, o *eu* e o *supereu*, contendo vestígios do inconsciente. Freud constata a necessidade de localizar de forma topográfica o local onde surgem as resistências, uma vez que, nas experiências de análise através da associação livre, percebe-se a presença de resistências inconscientes que faziam oposição à suspensão dos conteúdos recalçados pelo *eu*. Em virtude disso, é possível a compreensão de que, se algum conteúdo foi proibido, é porque em algum momento este foi consciente, o que faz supor que o que se recalca é parte do *eu* através dos representantes ideativos e não o inconsciente em si. Por isso, Freud (1923) parte da premissa onde “reconhecemos que o *Ics* não

coincide com o reprimido; é ainda verdade que tudo o que é reprimido é *Ics*, mas nem tudo que é *Ics* é reprimido”.

É possível concluir que as três instâncias atuam de forma conjunta, de modo que o *Isso* é constituído pelo inconsciente do que é recalçado e também atua como núcleo do centro pulsional, abarcando conteúdos que jamais terão acesso à consciência. O *eu* se trata de uma instância intermediária, em que através da percepção consciente se conecta e faz contato com mundo externo e ao mesmo tempo se funde com o *Isso* através da pulsão. A última instância é composta pelo *supereu*, que age de forma autônoma como agente crítico, atuando como um representante interno. Desse modo, entende-se que o *supereu* é herdeiro do complexo de Édipo, uma vez que representa as exigências da moralidade, com função de vigilância, promovendo a internalização simbólica da lei do pai.

Finalmente, após as intitulações freudianas, pode-se constatar que é através da experiência analítica, ou seja, por meio da fala que o sujeito é confrontado com a sua verdade. Então, Lacan promove um retorno e restauração dessa originalidade teórica, de modo a expor que o inconsciente obedece as leis da linguagem, uma vez que é através do discurso que se pode perceber suas manifestações. Deste modo, o autor propõe que a linguagem é condição do inconsciente, uma vez que esta acompanha o sujeito desde o nascimento até a morte, tendo assim a função de inserção no simbólico.

Levando em consideração esses aspectos, compreende-se que Lacan intitulou a lógica do significante apoiada na teoria do signo de Saussure, assim, usa como âncora a linguística para atribuir ao inconsciente um caráter acessível, objetivo e lógico. Primeiramente, abandona a relação de caráter biunívoca entre significante e significado, proposto por Saussure, passando a privilegiar o significante em detrimento do significado, onde diferencia o significante da imagem acústica. Como resultado, torna-se possível construir uma teoria sobre a relação entre inconsciente e linguagem, de modo que o significante é a unidade mínima do simbólico, que comparece articulado em uma cadeia de significantes. Fato que promove a construção da objetivação e percepção do discurso em análise, através da associação livre.

Por conseguinte, Freud, através das observações empíricas, constata que o trabalho do

sonho ocorre a partir da condensação e deslocamento. Neste ponto, Lacan, embasado pela linguística, insere as leis do inconsciente como forma de articular os significantes através da metáfora e da metonímia. Compreende-se que a condensação e o deslocamento, bem como a metáfora e a metonímia, tratam-se de figuras de linguagem. Em síntese, a metáfora tem a função de substituir no sonho um significante por outro, de modo a propiciar o surgimento de outros significantes, criando a possibilidade de serem atribuídos novos sentidos e ampliação de significados. Em se tratando da metonímia, entende-se como o continente do conteúdo, com a função de fazer o significante deslizar de uma parte do objeto para a outra, de maneira que ao se referir ao mesmo objeto com outra palavra, possibilita um grande leque de associações e sentidos distintos.

Portanto, quando Lacan faz esse retorno à teoria psicanalítica de Freud, coloca o inconsciente junto à dimensão da palavra. De maneira especial, pode-se expor que através dos objetivos apresentados, foi possível constatar que o inconsciente não parte de um conceito fechado, “escondido” ou metafísico, mas sim, de um conjunto de efeitos, que tem seu lugar na linguagem, pois no momento em que o sujeito fala, ele está acontecendo. A relevância teórica que os saberes psicanalíticos proporcionaram às acadêmicas, contribuiu imensamente no sentido de nortear a prática, uma vez que é imprescindível o uso da palavra para desvelar o inconsciente.

REFERÊNCIAS

- CHEMAMA, R. **Dicionário de psicanálise**. Tradução Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.
- DOR, J. Condensação e deslocamento no trabalho do sonho. In: _____. **Introdução à leitura de Lacan**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- FALCÃO, C. N. B.; KRUG, J.; S. MACEDO, M. M. K. Do passado à atualidade: a psique pede passagem. In: MACEDO, M. M. K. D. (Org.). **Neurose: leituras psicanalíticas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.
- FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- _____. O inconsciente e a consciência – realidade. In: _____. **A interpretação dos sonhos II e sobre sonhos**. (1900-1901). v. 5.
- _____. Terceira lição. In: _____. **Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos**. (1910). v. 12.
- _____. A história do movimento psicanalítico. In: _____. **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos**. (1914). v. 14.
- _____. Repressão. In: _____. **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos**. (1914). v.14.
- _____. O inconsciente. In: _____. **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos**. (1915). v.14.
- _____. O ego e o id. In: _____. **O ego e o id e outros trabalhos**. (1923). v. 19.
- _____. A dissecação da personalidade psíquica. In: _____. **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos**. (1932). v. 22.
- GHIRALDELLI, P. Freudismo e ética contemporânea. In: _____. **História essencial da filosofia**. São Paulo: Universo dos Livros, 2010.
- JORGE, M. A. C. Inconsciente e linguagem: o simbólico. In: _____. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.
- JORGE, M. A. C.; FERREIRA, N. P. O simbólico: o inconsciente é estruturado como uma linguagem. In: _____. **Lacan, o grande freudiano**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.
- LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: LACAN, J. **Escritos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.
- _____. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** (1964). Tradução MD Magno. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.
- LAPLANCHE, J. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LEITE, M. P. S. O inconsciente está estruturado como uma linguagem. In: CESAROTO, O. (Org.). **Ideias de Lacan**. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- LEVATO, M. B. **El inconsciente freudiano: um estudio de la constitución y funcionamiento del aparato psíquico em la obra de Freud**. Buenos Aires: Letra Viva, 2012.
- LONGO, L. Freud e a estrutura da linguagem no inconsciente. In: _____. **Linguagem em psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.
- MLODINOW, L. Sentidos + mente = realidade. In: _____. **Subliminar: como o inconsciente influencia nossas vidas, 1954**. Tradução Claudio Carina. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2013.
- NÁSIO, J. D. O conceito de supereu. In: _____. **Lições sobre os sete conceitos cruciais em psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.
- _____. **O prazer de ler Freud**. Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.
- QUINET, A. **A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma**. Rio De Janeiro: J. Zahar, 2008.
- _____. O outro do olhar. In: _____. **Um olhar a mais: ver e ser isto na psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.
- ROSS, G. M. D. Metafísica. In: _____. **Leibniz**. New York: Oxford University Press, 1984.
- ROUDINESCO, E. **Dicionário de psicanálise**. Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.
- ROZA, L. A. G. Recalcamento. In: _____. **Artigos de metapsicologia 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.
- _____. Inconsciente. In: _____. **Artigos de metapsicologia 1914-1917: narcisismo,**

LIMA, K. J. P. de; APEL, N. T.; OLIVEIRA, A. M. M. de

pulsão, recalque, inconsciente. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.

_____. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

RUDGE, A. M. Bem pulsional e destino. In: RUDGE, A. M. **Pulsão e linguagem**: esboço de uma concepção psicanalítica do ato. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

EL INCONSCIENTE DE FREUD A LACAN

RESUMEN: Este artículo es una revisión de la literatura, realizado con base en el marco teórico del psicoanálisis, que está compuesto por la visión de los principales teóricos como Freud y Lacan, así como con la contribución de otros autores. Su objetivo es explicar el concepto y evolución del inconsciente, de forma a presentar las reformulaciones ocurridas a lo largo del tiempo. Para ello, inicialmente se realiza un retorno al punto de vista filosófico, para que se pueda adentrar al punto de vista de Freud. Enseguida, se expone la primera formulación tópica del aparato psíquico, la cual se denomina tópico segundo. Ésta posibilita un direccionamiento para que Lacan promueva una relectura de la originalidad teórica de Freud, intitulado lo que viene a ser “el inconsciente estructurado como lenguaje”.

PALABRAS CLAVE: Inconsciente; Psicoanálisis; Lenguaje; Freud; Lacan.